CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O FILME DA ESCOLA: A ESTC NO CORAÇÃO DO CINEMA PORTUGUÊS
A ESCOLA E A TERCEIRA GERAÇÃO
27 de Julho de 2023

O MIRADOURO DA LUA / 1993

Um filme de Jorge António

Realização e Argumento: Jorge António / Direcção de Fotografia: Lionel Cousin / Direcção Artística: Filipe Farraia / Música: Nuno Rebelo / Som: Edinho Saeed / Montagem: Manuel Mozos / Interpretação: João Cabral, Aline Solange, Paulo Xisto, Custódia Correia, Regine de Almeida, José Fernandes, Carla Castro, Paulo Bolota, Isabel de Castro, Julie Sergeant, Vítor Norte, José Mena Abrantes, João Baião, etc.

Produção: Exclusiva - Instituto Angolano de Cinema / Produtores: Manuel Mariano (Angola) e António Farraia (Portugal) / Cópia em 35mm, colorida, versão original falada em português / Duração: 87 minutos / Estreia: Quarteto 2 (Lisboa), Delta 2 (Caldas da Rainha), Estúdio Miratejo (Miratejo) e Avenida (Braga), a 10 de Março de 1995.

* * *

Estreia de Jorge António na longa-metragem de ficção, **O Miradouro da Lua** é um filme que se coloca numa perspectiva curiosa (e relativamente insólita) perante a questão que justifica a sua inclusão neste ciclo. Porque é um filme que parece reclamar o direito a sacudir do seu programa as preocupações analíticas para se dedicar a um roteiro eminentemente pessoal e contemplativo, onde toda a problemática do passado colonial português em Angola é relegada para um "off" narrativamente actuante mas com a consistência fugidia de um fantasma – e o que é, se não um fantasma, essa personagem tão ausente quanto decisiva do pai do protagonista, símbolo (se quisermos) de uma memória colonial que se desintegrou e cujos vestígios se encontram agora difusos e disseminados?

O Miradouro da Lua abre com uma sequência construída em significativo "trompe l'oeuil": soldados no mato, em poses hieráticas, uns morrendo, outros lamentando-se, outros proferindo máximas mais ou menos caricaturais. Pomo-nos a pensar numa estranha e desajeitada réplica de **Um Adeus Português** ou de **Non ou a Vã Glória de Mandar,** até que uma voz vinda de fora de campo vem dar razão às nossas cogitações. O que essa voz diz é "corta!", denunciando o "filme no filme", e as imagens que víamos eram *mesmo* uma referência, a esses filmes ou, de um modo mais geral, à representação da guerra colonial no cinema português. Um pouco mais tarde, um movimento ascendente de grua (o melhor plano do filme) vem revelar-nos que a "selva" era afinal um cenário improvisado algures na mata de Monsanto e que, consequentemente, era ainda em Lisboa e *de Lisboa* que esta representação se construía. O que é que tudo isto quer dizer? Para lá da caricatura, para lá da sua pertinência, e para lá do eventual "corte" que, em termos de filiação cinematográfica, ela represente, Jorge António parece apresentar aí tanto a recusa de uma problematização directa da questão colonial (e das suas memórias, trágicas ou não tanto) como a de uma representação *à distância*

(espacial e temporalmente) desse mesmo tema. Ou seja, tudo se poderia resumir na reivindicação de um olhar diferente sobre a presença portuguesa em África, um olhar novo que fosse capaz de ultrapassar (mas não de ignorar, esta sequência prova-o, voluntariamente ou não) as marcas deixadas pela História Em suma, um olhar descomprometido (sem culpa nem sofrimento), só possível por pertencer a uma geração (Jorge António nasceu em 1966) mais nova ou, para pensarmos no protagonista de **O Miradouro da Lua,** à geração *dos filhos* dos que estiveram em África.

Essa perspectiva é, de resto, coerentemente suportada ao longo de todo o filme. **O Miradouro da Lua** não é nem um filme de *reconhecimento* nem um filme que contraponha as memórias de um passado às imagens de um presente – é um filme de *descoberta,* cujo olhar se pretende tão *virgem* quanto possível, e que pretende, muito mais do que recuperar, perceber o que é que África (ou Angola, mais propriamente Luanda, neste caso) *disse* a tantos portugueses. E é, por conseguinte, um filme que persegue incessantemente uma ideia de fascínio. Um fascínio que, uma vez compreendido é imediatamente sentido, com efeitos fulminantes: vejam-se esses planos finais, na impressionante paisagem que dá título ao filme, com João Cabral, esmagado pelo décor, a gritar "Vou ficar!". **O Miradouro da Lua** transforma-se assim num objecto raro: um filme que lida com a memória portuguesa de África substituindo a melancolia por um tom realmente festivo, e que é capaz de fazer sentir esse tom, através do percurso de "conversão" do protagonista, pela palpitação (por vezes, extremamente intensa) dos lugares – é o lado semi-documental do filme a funcionar em pleno. Por outras palavras, **O Miradouro da Lua** é um filme que retira a sua força do facto de olhar para as coisas tal qual elas são (ou eram, num determinado momento da década de 90) sem se deixar abater pela memória do que elas foram ou pela imaginação do que elas poderiam ter sido.

Luís Miguel Oliveira